

SUBJETIVIDADE E CINEMA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO PROFESSOR

Ana Naiele de Souza Almeida
(UNEB)

Claudinete Oliveira Sobrinho
(UNEB)

Janaina de Jesus Santos
(UNEB)

Resumo: Neste artigo, buscamos compreender a constituição do sujeito professor, a partir de um arquivos composto por seis filmes compreendidos entre os séculos XX e XXI, a saber: *To Sir, with love* (Inglaterra, 1967), *Lean on me* (EUA, 1989), *Dead poets society* (EUA, 1990), *A beautiful mind* (EUA, 2002), *Beyond the blackboard* (EUA, 2011) e *Les grands esprits* (França, 2017). Para tanto, identificamos os discursos materializados nos filmes e mapeamos as regularidades enunciativas na produção dos sujeitos em práticas e planos cinematográficos. Nesse sentido, mobilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso, em articulação com os estudos sobre educação e cinema. Como resultados, constatamos que o sujeito professor é produzido na regularidade das práticas pedagógicas no ambiente escolar, com os colegas e o sujeito educando, mostradas principalmente, em plano conjunto.

Palavras-chave: Cinema; Discurso; Sujeito.

1. Considerações iniciais

A educação institucional é desafiada a se reinventar e a propor respostas sobre sua função no cenário das intensas transformações da sociedade da informação. Professores e alunos são produzidos nesse cenário de incertezas e pluralidades de poucas respostas. Assim, buscamos compreender a constituição do sujeito professor, a partir de um arquivos composto por seis filmes compreendidos entre os séculos XX e XXI, a saber: *To Sir, with love* (Ao mestre com carinho, Inglaterra, 1967, James Clavell), *Lean on me* (Meu mestre, minha vida, EUA, 1989, John G. Avildsen), *Dead poets society* (Sociedade dos poetas mortos, EUA, 1990, Peter Weir), *A beautiful mind* (Uma mente brilhante, EUA, 2002, Ron Howard), *Beyond the blackboard* (Além da sala de aula, EUA, 2011, Jeff Bleckner) e *Les grands esprits* (O melhor professor da minha vida, França, 2017, Olivier Ayache-Vidal). Sob a lente dos estudos da Análise do Discurso, identificaremos os discursos materializados nos filmes e mapearemos as regularidades enunciativas na produção dos sujeitos em práticas

e planos cinematográficos. Com a finalidade de tratar o filme em sua especificidade temática e material, recorreremos aos estudos da esfera educacional e cinematográficos.

Acreditamos que, historicamente, o sujeito professor tem sido construído como uma função de conhecimento e autoridade, cabendo-lhe a responsabilidade pelos processos de ensino e aprendizagem. Observando mais recentemente, é-lhe atribuída a função de escuta sensível no cotidiano escolar (GADOTTI, 2000). Nesta perspectiva, faz-se necessário analisar como o sujeito professor é produzido nos filmes dos séculos XX e XXI, de modo a compreender as mudanças ou não desse sujeito.

2. A ordem discursiva e educacional

A Análise do Discurso busca analisar a linguagem considerando sua exterioridade como constitutiva e produtora de sentidos. A exterioridade pode ser entendida como as condições de existência da linguagem, em que se relacionam elementos sociais, históricos, econômicos e culturais para a materialização de discursos. Abordaremos as noções basilares do campo, tais como discurso, enunciado e sujeito, na perspectiva francesa com contribuições foucaultianas. Em seguida, estabeleceremos relação com professor

2.1 Discurso, sujeito e enunciado

Os discursos estão pulverizados por todas as instituições sociais. Escolhemos analisar os filmes relacionados explicitamente ao cenário escolar por entendermos ser um lugar privilegiado para pensar os sujeitos na contemporaneidade. Compreendemos o filme como um lugar de produção e de circulação discursiva, cuja difusão é rápida e acessível em diversos contextos, fazendo ecoar aspectos históricos, culturais, econômicos, políticos e sociais. Trata-se da exterioridade da língua, mas não é uso da linguagem em si, perpassa por ela para tornar-se matéria concreta. Ele está sempre em movimento de produção de enunciados e sujeitos. De acordo Fernandes (2005, p. 42), “[...] a existência de diferentes tipos de discurso implica a existência de diferentes grupos sociais, sem, contudo, implicar

equivalência”. Assim, notamos que o discurso é produzido pelas práticas de diferentes sujeitos e na existência de enunciados heterogêneos, em que se articulam questões sociais, políticas, econômicas e culturais.

Nessa perspectiva, o discurso é produzido nas estruturas da sociedade e visualizado nas linguagens, de modo que “[...] implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística.” (FERNANDES, 2005, p. 12). É formado a partir de diferentes elementos que se encontram e se mesclam no tecido social, no qual os sujeitos são produzidos e o toma, ilusoriamente, como seu próprio discurso.

Considerado produto e produtor de discursos, o sujeito da Análise do Discurso não é um ser individualizado, aquele que carrega apenas as suas histórias vividas, mas sim o que carrega consigo marcas da cultura, economia, política e é fonte de sentido na história. A teoria do discurso postula a ilusão do sujeito nos discursos, em que se evidenciam a linguagem e o sentido. Ao analisarmos o discurso, situamos o sujeito falando a partir de uma instituição, integrando suas atividades sociais materializadas em diversos meios, como destaca Fernandes (2005, p. 16), “[...] o sujeito, ao mostrar-se, inscreve-se em um espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir de sua inscrição ideológica; de sua voz, emanam discursos, cujas existências encontram-se na exterioridade das estruturas linguísticas enunciadas”. Dessa forma notamos que a produção do sujeito se dá pelos lugares sociais que lhe são permitidos ocupar.

Foucault (2013) relaciona os enunciados, a historicidade e os discursos em seus estudos. O enunciado pode ser entendido como tudo aquilo que pode ser visto, dito, ou seja, ele é o produto, é o objeto que possibilita a análise do discurso. Ele traz em sua estrutura suas condições de existência, de modo que o enunciado é a condição que produz o sujeito. O enunciado tem como função dizer se há ou não uma frase, uma proposição ou um determinado ato de fala, estando em um nível diferente dessas unidades permitindo ou não sua existência. Não tem uma unidade material com início e fim, não é exclusivamente material, mas está estruturado na linguagem. Foucault (2008, p. 98) destaca que:

O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

Para existir, ele precisa estar correlacionado a outros elementos. O enunciado nem sempre vai estar na fala do sujeito discursivo, mas também nas posições que o objeto está inserido, “[...] cuja posição e natureza são, aliás, bastante diversas” (FOUCAULT, 2008, p. 4), ou seja, é uma unidade elementar do discurso, sendo oculto e visível ao mesmo tempo.

Assumidas as noções de discurso, sujeito e enunciado, vamos situá-las no contexto do espaço escolar, lugar social de visibilidade e produção dos sujeitos discursivos, considerando a especificidade temática dos filmes selecionados.

2.2 Sujeito professor

Historicamente, a educação tem passado por transformações diversas em suas mais diferentes fases e direções. Em todas suas facetas, acompanha as transformações da sociedade da qual compõe, de modo que o saber e o poder estão intrinsecamente ligados.

A escola é estruturada como uma instituição de interesses sociais, políticos e culturais, na qual atuam diretamente saberes e poderes, de modo que “[...] na vida escolar como um todo, os sujeitos são produzidos por saberes institucionalizados, de modo direto, em conteúdo ou, indireto, nas práticas diante de outros sujeitos, como professores, colegas e autores”. (SANTOS, 2018, p. 127).

Os discursos fazem com que os sujeitos assumam seu lugar no tecido social para poder enunciar. Então, cada sujeito ocupa um determinado espaço, que não o marca por sua individualidade, e sim no movimento histórico dos discursos. Isso mostra que o sujeito é uma função construída por discursos, que é ocupada por indivíduos nas relações sociais.

Gallo (2012, p. 71) distingue dois tipos de professores: o profeta e o militante, sendo que “[o] professor profeta é alguém que anuncia as possibilidades, alguém que mostra um mundo novo.”; enquanto que o professor militante é “[...] não necessariamente aquele que anuncia a possibilidade do novo, mas sim aquele que procura viver as situações e dentro dessas situações vividas produzir a possibilidade do novo.” Além disso, esse último professor vivencia ou tenta se aproximar da realidade dos seus alunos, nas palavras de Gallo (2012, p. 171) “[...] vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem,

poderia, de dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente”. O professor militante procura no aluno a possibilidade de torna-lo um sujeito ativo, de modo que os sujeitos constroem o conhecimento lado a lado e não passar o conhecimento do professor para o aluno.

Isso dialoga diretamente com a perspectiva de Freire de que “[...] não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando-educador.” (1987, p. 39). Trata-se de perceber a educação escolar como um processo mais amplo que a transmissão de conteúdos na direção de valorização da identidade e do conhecimento de mundo do educando.

Assim, percebemos o sujeito professor como aquele que assume os discursos por meio de suas práticas, algumas fortemente marcadas, como, por exemplo, posicionar-se à frente da sala de aula, expor conteúdos disciplinares, disciplinar, enunciar de modo assertivo; e outras ainda sem construção, como dialogar com os educandos, mediar a relação com os conhecimentos, negociar as práticas escolares, etc.

3. Aventura metodológica

Acreditamos que o campo discursivo nos oferece noções e ferramentas que possibilitam analisar discursos em objetos de diversos suportes. Assumimos, então, os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso, para compreender a produção de subjetividade pelos discursos presentes nos seis objetos audiovisuais. Os procedimentos descritivos e analíticos dos enunciados são simultâneos em um gesto responsável das pesquisadoras, como sujeitos contemporâneos.

Numa abordagem qualitativa, procederemos a identificação dos discursos na materialidade dos objetos selecionados, suas condições de existência; e o mapeamento das regularidades enunciativas, a partir dos filmes, como enunciados maiores, e de suas cenas, como enunciados menores. Os enunciados serão descritos e analisados tomando como direcionamento as regularidades de elementos composicionais das cenas para a produção do sujeito professor.

Diante disso, analisaremos em profundidade os enunciados (FOUCAULT, 2008) - cenas dos filmes selecionados entre 1967 e 2017 - buscando relacionar os discursos identificados e as regularidades mapeadas na produção da subjetividade do professor. Num conjunto de cerca de quarenta filmes sobre educação escolar, selecionamos os seguintes: *Ao mestre com carinho* (1967), *Meu mestre, minha vida* (1989), *Sociedade dos poetas mortos* (1990), *Uma mente brilhante* (2002), *Além da sala de aula* (2011) e *O melhor professor da minha vida* (2017). São filmes internacionais e comerciais que tematizam o cotidiano escolar, no espectro de cinco décadas, e tiveram circulação.

4. Os sujeitos, os corpus e os sentidos

A quantidade de filmes com a temática do ambiente escolar revela um interesse do público pelo assunto. Geralmente, os filmes são protagonizados por um professor que é direcionado para atuar em uma escola situada na periferia da cidade, cujas narrativas colocam em evidência a transformação possibilitada pela educação e pelo trabalho hercúleo do professor. Os educandos marginalizados e avessos às práticas disciplinadoras da escola produzem o antagonismo inicial nos filmes. O clímax é marcado pelo momento em que o professor e os alunos conseguem estreitar relações e estabelecer um vínculo de amizade e de cumplicidade, por meio do diálogo, da escuta sensível e da prática responsável. Todos os filmes em estudo evidenciam e reforçam o lugar institucional do professor e do aluno, em consonância com os sentidos cristalizados socialmente.

Diante do filme *Ao mestre com carinho* (1967), notamos a hostilidade dos alunos em relação ao professor em sala de aula, principalmente durante a exposição dos assuntos para a turma na frente da sala. Os alunos fazem resistência à estrutura de poder da sociedade, da escola e do ritual da aula, por meio de práticas que descaracterizam o lugar de sujeito estudante. Ou seja, em vez de se posicionarem dispostos a ouvir e estudar os assuntos disciplinares, mostram-se desatentos, desinteressados e desrespeitosos. Isso é marcado no enunciado fílmico pela transgressão na performance do corpo: quer seja pelos olhos não se direcionarem para o “objeto central da aula”, na perspectiva tradicional de educação; quer seja pelos corpos indóceis, ora sentados, ora em pé, ora dentro da sala, ora fora da sala; ou,

ainda, pela posição do corpo na cadeira, com os pés nas carteiras, debruçados encima das carteiras.

Nesse mesmo sentido de transformação, o filme *Meu mestre, minha vida* (1989) mostra a escola composta como um ambiente hostil e impróprio para o processo de ensino e aprendizagem e a comunidade estudantil desajustada socialmente. A maior parte dos alunos é usuária ou trafica drogas e as famílias são desestruturadas, estabelecendo uma relação simplista de causa e consequência. Nesse contexto desafiador, o professor enfrenta muitas dificuldades dentro da escola diante de alunos desinteressados, colegas desestimulados, direção inerte e estrutura deficitária. Inicialmente, ele busca diversificar as estratégias metodológicas das aulas. Porém, os educandos resistem ao processo de ensino, performando seus corpos deitados sobre as carteiras ou ficando inertes. Entretanto, o trabalho só é reconhecido quando utiliza uma estratégia um pouco diferente, ele associa essas estratégias ao efeito de temor dos alunos.

Sociedade dos poetas mortos (1990) apresenta-nos uma escola um pouco diferente, estruturada e com um público discente de realidade econômica de elite. A trama é protagonizada por um professor recém-chegado em uma instituição tradicional, que busca inovar em suas estratégias metodológicas. Ele atrai a simpatia e conquista a confiança dos alunos, por meio da exaltação da arte da literatura e da relevância dos sonhos. Essas inovações no ritual da aula podem ser marcadas de modo singular em uma cena em que os alunos sobem sobre as mesas, fazendo ver o corpo não dócil do educando e do educador e reverberar a transgressão da ordem tradicional no espaço escolar.

No século XXI, *Uma mente brilhante* (2002) é um drama biográfico de John Nash, um respeitável matemático que ministra aulas na universidade. Entretanto, ele acredita que sua atividade em sala de aula representa perda de seu tempo e dos alunos. Mesmo sendo reservado, comportamento provocado possivelmente pela esquizofrenia, o protagonista do filme consegue incentivar uma de suas alunas, especialmente por suas ambições como matemático, que foi criar a teoria dos jogos. A produção da subjetividade do professor é marcada num corpo fora de ordem, de modo que é marcada pela oscilação entre a identidade de professor e a de matemático, e pela busca perpétua da distinção entre a realidade e o delírio - no quadro de esquizofrenia.

O quinto filme, *Além da sala de aula* (2011), mostra o cotidiano de uma professora que se depara com um abrigo que é ao mesmo tempo uma escola. Os alunos são de séries diferentes, sem interesse, desejosos por atenção e a escola é localizada ao lado de uma passagem de trem. A escola é um ambiente sujo que potencializa o cenário de degradação da educação. Para possibilitar as aulas, a professora usa os seus próprios recursos. O conjunto produz um não pertencimento dos corpos: os alunos oscilam entre o lugar de abrigados e de estudantes, a professora oscila entre a função de ministrar aulas e de propiciar a estrutura para trabalhar. O espaço se concretiza como um corpo sem identidade, sendo ao mesmo tempo o abrigo e a escola. De modo preponderante, esse ambiente sem definição clara, produz os sujeitos sem a identidade e lugar para sua existência social.

Mais recentemente, *O melhor professor da minha vida* (2017) apresenta um professor rude, não adaptado em lecionar em escola de periferia e quando é convidado se depara com uma realidade totalmente oposta à sua. Igualmente a outros descritos, nesse filme fica marcado o embate entre estruturas sociais, representadas pela escola e marcada pela presença do corpo do professor, e os alunos. Eles resistem às práticas disciplinadoras da sociedade capitalista apresentadas pela escola. Resistência evidenciada por corpos dispersos, ausentes ou indóceis nas aulas.

Os filmes são uníssonos sobre o papel da educação e do professor na sociedade. A transformação da realidade dos alunos é mostrada como fundamental para a efetivação da educação, num movimento bilateral. Em todos os filmes, o sujeito professor busca estratégias para promover a aproximação com os alunos e a superação das adversidades estruturais da escola. Há um envolvimento marcado em práticas de diálogo e escuta produzido pelo reconhecimento da diferença e pela valorização da identidade do sujeito educando.

As regularidades enunciativas estão marcadas na narrativa e, também, na maneira como ela é materializada nos filmes. Ao observar os planos, constatamos a predominância do plano americano para mostrar o professor, de modo a expor cabeça, tronco, mãos e parte das pernas. Essa composição possibilita a identificação do sujeito professor como aquele que trabalha e tem uma determinada postura em sala de aula, em que mobiliza sua voz, sua gestualidade e, em menor proporção, seu deslocamento pelo espaço - do qual emana sua autoridade e sentidos para atuar na docência. Além disso, os planos americanos demarcam o

contexto enunciativo presente na cena e o cenário, como o tipo de lousa, mobiliário, iluminação, etc. Possibilitam, pois, situar as mudanças e permanências na estrutura física das escolas, enquanto espaço de aprendizagem.

Após situar o sujeito professor no espaço e no seu fazer, outro plano é recorrente na apresentação do professor: o close, em que o detalhe do rosto, em geral, faz paralisar o decorrer do tempo e ecoar as emoções. A câmera pousa sobre o rosto do professor, produz uma imagem agigantada que se expõe ao deleite do espectador, escrutina cada detalhe do olho, da boca, dos músculos para a expressividade compor o sentido do sujeito professor sensível.

Apesar do distanciamento na linha do tempo, notamos as regularidades entre os elementos narrativos e discursivos dos filmes. Nessa percepção, destacamos que o professor, independentemente de seu espaço e público, vale-se de vários artifícios para tornar a educação mais significativa e próxima de seu alunado. Trata-se de uma prática que ultrapassa os preceitos disciplinares em direção a um governo de si mesmo, que se desloca de uma estrutura física pesada e restritiva para o indivíduo autônomo e flexível (SANTOS, 2018).

Esses elementos apontam para uma resistência à transformação da estrutura escolar e uma constante reinvenção das práticas docentes, diante dos desafios do cotidiano da sala de aula, em tempos de sociedade da informação. não mudou com o passar dos anos. Considerado um dos principais responsáveis pela educação, ao professor tem sido exigido a aproximação na vida de seus alunos. Ou seja, além dos conteúdos já programados, um bom professor é aquele que faz o aluno refletir sobre sua realidade, de modo que a transforme de forma positiva.

5. Considerações finais

A análise discursiva do arquivo de filmes sobre educação possibilitou lançar um olhar mais profundo sobre enunciados audiovisuais e compreender como o sujeito professor é constituído nos filmes. Tratou-se de coletar pequenos elementos que constroem cenários

sociais, políticos e educativos possíveis e que produzem o sentido do que é ser professor em nossa sociedade.

A constituição do arquivo de filmes de 1967 a 2017, possibilitou perceber a transição de práticas disciplinares para práticas de controle, que causa uma certa desestabilização da ordem das instituições e se reflete nas práticas pedagógicas. Reafirmando, pois, que os discursos estão pulverizados em toda a sociedade, de modo que o discurso do governo de si mesmo se estende por diferentes espaços e diferentes sujeitos.

Assim, compreendemos que os professores analisados nos filmes selecionados são, na verdade, o professor militante. Eles conseguem estabelecer um diálogo profícuo com os educandos quando vivem a sua realidade e aprendem junto como descobrir as possibilidades e não apenas anunciam-nas.

Então, os estudos discursivos permitiram perceber o professor como um sujeito que sempre está em busca das práticas de aprendizagem, de solidariedade e de transformação em sala de aula. Também procura mostrar a seus alunos as possibilidades de um mundo mais plural e reflexivo. Ou seja, através de um trabalho de militância, crítico e reflexivo, o sujeito professor incentiva a confiança nos alunos para persistir em seus sonhos e lutar por uma sociedade mais justa.

Referências

A BEAUTIFUL MIND. Direção: Ron Howard. Produção: Brian Grazer; Ron Howard; Todd Hallowell. Estados Unidos: Universal Pictures. 2002, 1 DVD. 2h 14 min.

AUMONT, J.; BERGALA, Alain; MARIE, Michel; VERNET, Marc. A estética do filme. Trad. Marina Appenzeller. 7ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

_____, M. Dicionário Teórico e Crítico de Cinema. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. 7. ed. Campinas. São Paulo: Papirus, 2003

BAUMAN, Z. Sobre Educação e Juventude: Conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BEYOND THE BLACKBOARD. Direção: Jeff Bleckner. Produção: Andrew Gottlieb, Estados Unidos: Telefilme, 2011, 1 DVD. 1h 35 min. sons, color.

DEAD POETS SOCIETY. Direção: Peter Weir. Produção: Paul Junger Witt; Tony Thomas, Estados Unidos: Silver Screen Partners IV; Touchstone Pictures, 1990, 1 DVD. 2h 08 min. sons, color.

FERNANDES, C. A. Análise do discurso: reflexões introdutórias. Disponível em: <http://www.sergiofreire.pro.br/ad/FERNANDES_ADRI.pdf> Acesso em: 22 out. 2017.

FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982. 11ª ed. Coleção O MUNDO, HOJE Vol. 21.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo em Perspectiva. 2000.

GALLO, S. Em torno de uma educação menor. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>>. Acesso em: 26 nov. 2018

GIROUX, Henry A. Professores como intelectuais transformadores. In GIROUX, Henry A. Os Professores Como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 1997.

GREGOLIN, M. do R. Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. A análise do discurso: conceitos e aplicações. Araraquara, São Paulo, 1995, p. 13-21.

HERNÁNDEZ, F. Um mapa para iniciar um percurso. In: HERNÁNDEZ, F. (org.) Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre, Artimed, 1998, p. 14-39.

LEAN ON ME. Direção: John G. Avildsen. Produção: Norman Twain Productions, Warner Bros. Pictures. Estados Unidos, 1989, 1 DVD. 1h 44 min. sons, color.

LES GRANDS ESPRITS. Direção: Olivier Ayache-Vidal. Produção: Thomas Verhaeghe, Alain Benguigui. França: Imovision, 2017, 1 DVD. 1h 46 min.

SANTOS, Janaina de Jesus. Formação de professores: uma análise discursiva de documentos oficiais. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 10, nº 01, jan/jul, 2018. ISSN: 2176-9125.

TO SIR, WITH LOVE. Direção: James Clavell. Produção: James Clavell. Reino Unido: Columbia British Productions; Columbia Pictures Corporation, 1967, 1 DVD. 1h 45 min. sons.